

# Os Benefícios da Reprodução Humana

# CRÍTICA BIOÉTICA A UM NASCIMENTO ANUNCIADO\*

## Volnei Garrafa

### RESUMO

Analisa, criticamente, a veiculação da notícia a respeito do nascimento da ovelha Dolly, divulgada pelo jornal norte-americano *The New York Times*, oportunidade em que ressalta a coincidência ocorrida em relação à clonagem animal, uma vez que a realização de tal fato se deu por intermédio de uma ovelha “símbolo da redenção humana no imaginário cristão”.

Observa que, não obstante tratar-se de um fato previsto e amplamente anunciado, principalmente pelos envolvidos com a área científica, a clonagem provocou reações contraditórias no contexto social, que variam “desde o enaltecimento da ciência até sua completa rejeição”. Acredita que a ciência tem como compromisso preparar o futuro, antecipando-se a ele por meio de descobertas que sejam benéficas à espécie humana, tendo em vista que a estrutura societária ou biológica não é eterna, tampouco imutável.

Ao final, conclui que o cerne da controvérsia não se encontra insito na utilização das técnicas de clonagem, mas sim no seu controle ético, o qual deve se dar em um patamar diferenciado dos planos científico e tecnológico.

### PALAVRAS-CHAVE

Clonagem; engenharia genética; bioética; moralidade; identidade biológica; identidade pessoal; biodiversidade.

Poucas notícias causaram tanto alvoroço na mídia internacional quanto o nascimento da ovelha Dolly, divulgado pelo jornal norte-americano *The New York Times*, de 23 de fevereiro de 1997, antecipando-se ao artigo publicado pelo pesquisador escocês Ian Wilmut e pela sua equipe na revista britânica *Nature*, de 27 de fevereiro de 1997. Parte da surpresa ficou por conta do grande público, pois se tratava de um fato previsto, de um nascimento amplamente anunciado, pelo menos para aqueles que lêem ou lidam com ciência.

Uma coincidência a ser analisada inicialmente é que a clonagem animal veio por meio da ovelha, símbolo da redenção humana no imaginário cristão. Inúmeras vezes Jesus Cristo se refere ao “rebanho” nos seus evangelhos. A “anunciação” de um novo tempo, portanto, deu-se por meio de Dolly, produzida operacionalmente desde julho de 1996 nos laboratórios da Universidade de Edimburgo, na Escócia. Esse fato gerou reações contraditórias que foram desde o enaltecimento da ciência até sua completa rejeição. Repentinamente a clonagem ficou polarizada entre manifestações de endeuasamento ou de demonização.

### 1 O MITO DA IMORTALIDADE

Adão foi instigado por Eva – clonada pelo Criador, a partir de células de uma costela do primeiro – a comer o fruto da árvore da sabedoria, aquela que se referia ao “bem” e ao “mal”. Repentinamente Adão descobriu-se um ser nu, frágil e precário. E Deus expulsou-o do paraíso, antes de ele provar o fruto da segunda árvore, a

da vida, que lhe daria a imortalidade.

Desde então, Adão e seus descendentes perseguem o mito da imortalidade, tentando contornar a precariedade da existência humana. As tentativas vêm desde a Antiguidade, passando por René Descartes que, em 1630, já perseguia o sonho da medicina infalível, até o limiar do século XXI, mediante projetos extraordinários, como o desejo de o homem alcançar Marte e outras paragens do sistema planetário, à procura de novidades e melhorias.

O pesquisador francês Lucien Sfez, por meio do livro *A saúde perfeita – crítica de uma nova utopia*, registrou o fim da retórica pós-moderna. Essa boa notícia, entretanto, foi apagada pelo alvorecer de uma ideologia ainda mais temível e já consistente neste final de milênio. Utilizando três projetos científicos em desenvolvimento avançado no mundo contemporâneo – Genoma Humano, Biosfera II e *Artificial Life* – Sfez abordou a questão do “corpo virtual”: não se trata de uma mera reconstrução anatômica abstrata, que existe e não existe; é mais rica, mais informal, mais perfeita que nosso pobre corpo que oculta suas misérias, sem ser puro espírito, mas um corpo-conceito mais elevado, mais limpo, mais complexo que o corpo-carne. *Que pensar desse objeto, senão que é da alçada da utopia e da ideologia ao mesmo tempo?*, questiona.

Ele refere-se à utopia, pois as metáforas estão presentes em todo seu pensamento de forma imperiosa, racional: *sondar rins e corações, que era atributo de Deus, não basta, pois os tecnocientistas necessitam de um corpo inteiro, calculado, que tende a substituir*

*moralmente nossa pobre e imperfeita realidade pela razão todo-poderosa*. E essa razão não pode atingir a perfeição senão por meio das mãos dos sábios. Menciona a ideologia, pois seria inimaginável toda essa reconstrução acontecer sem a força determinante e infatigável de uma base conceitual de sustentação poderosa: a da tecnociência. Sua radicalidade crítica, unilateral e arrasadora alerta positivamente sobre instigadores desafios do terceiro milênio, tendo o efeito, também, de reabilitar o papel (ou a necessidade) das ideologias e utopias pelas quais grande parte das pessoas não nutre hoje muito entusiasmo.

Para Sfez, existe o perigo real de a técnica vir a dominar o mundo, a sociedade, a natureza, sem mediação científica nem conflitos sociais. Tomando o viés tecnocientífico como instrumento de apoio, destrói o pesquisador norte-americano Francis Fukuyama e sua teoria do “fim da história”. As mudanças genéticas possíveis – vegetais, animais e humanas – alteraram o curso da história. Esta, que tinha uma narrativa longa, foi substituída por pequenas narrativas fragmentadas. A engenharia genética trouxe-nos uma nova história.

Trata-se, assim, de superar o esgotamento dos mitos, o envelhecimento irreversível do mundo e das pessoas e de voltar ao essencial, à substância de nossa vida. Contra o fracasso da história e a precariedade da vida, somente a ideologia pode recriar a imagem do eterno retorno e da eterna permanência, em protesto contra a fragilidade de nossa condição social e humana.

\* Conferência proferida no *Seminário Internacional Clonagem Humana: Questões Jurídicas*.

O filósofo Hans Jonas foi um dos primeiros pensadores a detectar a caducidade dos termos em que tradicionalmente se exprimiam os questionamentos dirigidos pela ética ao progresso tecnocientífico: *Continuamos a discutir a técnica do ponto de vista da verdade antropológica, quer no sentido de ela realizar o verdadeiro sentido do humano, quer, opostamente, no sentido de ela constituir a própria negação do ser humano ou da natureza. Ora, a técnica não pode ser nem eticamente submissa, nem historicamente dominadora.*

Nessa discussão, podem ser indicados dois caminhos de análise: um tecnocientífico e outro bioético. Como não sou especialista em genética, prefiro ater-me a uma reflexão epistemológica. Parece-me que nesse campo tão complexo, a questão de fundo a ser discutida é “a moralidade da clonagem”. É moral clonar seres humanos? Se usarmos exclusivamente a emoção, nossa resposta imediata será “não”. Se, por outro lado, o argumento for racional, seremos obrigados a interpretar duas identidades para o novo ser: uma genética (biológica) e outra pessoal (antropológica).

O clone pode perfeitamente ser idêntico do ponto de vista biológico, mas será sempre diferente do ponto de vista pessoal. Ao clonar as características genéticas, clona-se a biologia de um indivíduo, não sua personalidade. Apesar de poucas constatações de semelhanças de personalidade registradas em gêmeos univitelinos, uma mesma identidade genérica/genética é acompanhada de diferente identidade específica (“Eu sou eu e minhas circunstâncias” – José Ortega y Gasset – filósofo espanhol). Confundir identidade biológica com identidade pessoal é um abuso lógico, trata-se de mero reducionismo biológico que confunde identidade com especificidade.

Essa argumentação não pretende defender a moralidade da clonagem em seres humanos, mas, ao contrário, criticar a intolerância dos argumentos e das respostas, além da pobreza filosófica constatada nas discussões que em geral têm acontecido no Brasil – e no mundo – sobre o tema. Pelo contrário, tenho defendido há algum tempo que temas como os limites da manipulação da ciência requerem, além de uma profunda dose de tolerância, sobretudo prudência e senso de responsabilidade. Em artigo publicado no jornal francês *Libération*, o filósofo francês Jean Baudrillard considerou *o clone, um crime perfeito (...)*. *O conflito entre o*

O clone pode perfeitamente ser idêntico do ponto de vista biológico, mas será sempre diferente do ponto de vista pessoal. Ao clonar as características genéticas, clona-se a biologia de um indivíduo, não sua personalidade. Apesar de poucas constatações de semelhanças de personalidade registradas em gêmeos univitelinos, uma mesma identidade genérica/genética é acompanhada de diferente identidade específica (...)

*original e sua cópia não está perto de terminar, nem aquele entre o real e o virtual.*

### 3 ENTENDENDO MELHOR A CLONAGEM HUMANA

Institutos de pesquisa de diversos países já vêm trabalhando há vários anos com a clonagem de espécies vegetais, sem grandes perturbações à ordem das coisas no seio da sociedade mundial. Já o nascimento de Dolly, assim como a intenção do médico italiano Severino Antinori de proceder à clonagem humana até novembro de 2001 – prazo aliás já expirado – causaram reações que variaram do fascínio de algumas pessoas à perplexidade e ao medo da maioria. O cientista norte-americano Richard Seed já havia feito a mesma ameaça de Antinori há quatro anos, não conseguindo concretizar, também, sua pretendida obra. O tema da clonagem, portanto, vem fazendo parte obrigatória da pauta científica e jornalística mundial dos últimos anos. Além de um notório açodamento da

parte de alguns cientistas mais preocupados com promoção pessoal, existe também uma imprensa ávida por notícias sensacionalistas para que seus veículos sejam mais vendidos. Tudo isso gerou naturais preocupações por todo o mundo e algumas distorções que necessitam ser melhor entendidas.

Uma dúvida a ser equacionada com relação ao assunto é aquela que diz respeito à diferença entre o que se denomina “clonagem reprodutiva” e, “clonagem terapêutica”. A clonagem reprodutiva se refere à duplicação direta de representantes de uma mesma espécie, sejam vegetais, animais ou humanos. A outra situação acima, por sua vez, significa a possibilidade de a ciência vir a construir, por exemplo, um novo fígado imunologicamente compatível para um doente necessitado de transplante a partir de uma célula-tronco (indiferenciada) dele próprio ou proveniente de placenta, cordão umbilical ou mesmo de embriões. Da mesma forma, a esperança de controle para doenças como as síndromes de Parkinson ou Alzheimer, ou ainda o diabetes, repousa em grande parte nas possibilidades do desenvolvimento futuro da chamada “clonagem terapêutica”.

Para uma melhor compreensão e entendimento de toda questão, é indispensável fazer inicialmente uma separação entre o que significa moralmente a clonagem vegetal (a qual sendo corretamente conduzida acarreta menos questionamentos), a animal e a humana. A clonagem animal, mantidos os parâmetros éticos requeridos, permite que as investigações avancem sem perigo direto para a espécie humana e para a própria biodiversidade. Dolly foi a conseqüência exitosa de 277 tentativas anteriores aberrantes, apesar de uma grande quantidade de dúvidas ainda persistirem com relação a diversos aspectos técnicos; para exemplificar, sua idade é até hoje discutida, parecendo ter incorporado os sete anos de vida da ovelha doadora da célula mamária original. O domínio dessa técnica ou suas variações adaptadas à espécie humana no sentido terapêutico, como já foi dito, poderá trazer benefícios extraordinários para diversos problemas de saúde, contribuindo para a melhoria da qualidade de nossa vida.

A chamada “clonagem reprodutiva humana”, por sua vez, não encontra nenhum amparo ético ou moral para sua realização. Além de pessoalmente não acreditar que nenhum cientista ou empresa esteja hoje capacitado a dominar com absoluta segurança todas as variáveis envolvidas na sua

complexa execução, existe a questão da diversidade humana, um dos nossos mais valiosos patrimônios naturais. A maioria dos casos de casais que não conseguem ter filhos já pode hoje ser resolvida com a ajuda de técnicas de fecundação assistida, cada dia mais aprimoradas. A duplicação vulgar de milionários excêntricos que desejam perpetuar-se, ou de superatletas que venham tirar o brilho da competitividade olímpica ou, ainda, simplesmente de espécimes femininos ou masculinos com invulgar beleza para fins estéticos ou mesmo de apetite sexual, não pode e não deve ser aceita.

#### 4 A RESPONSABILIDADE FUTURA

Nos dias atuais o *homo sapiens* se transforma em *homo faber*. Frente ao poder e à velocidade do processo científico e tecnológico que nos atropela todos os dias, é indispensável substituir as antigas éticas da contemporaneidade ou da imediatez por uma nova ética da prospectiva ou da responsabilidade futura.

Em busca da ética na era da técnica, Hans Jonas apresentou, entre outras, as seguintes proposições: 1) Toda ação deve se transformar em lei universal; 2) Todo semelhante deve ser tratado como um fim em si e não como um meio; 3) Os efeitos da ação devem ser compatíveis com a permanência da vida humana genuína; 4) Nenhuma condição de continuação indefinida da humanidade na Terra deve ser comprometida. Em resumo, *uma vez que é nada menos que a própria natureza que está em causa, a prudência se torna – por si só – nosso primeiro dever ético.*

Em outras palavras, aquilo que devemos “evitar” a todo custo deve ser determinado por aquilo que devemos “preservar” a qualquer preço. Um aspecto essencial no debate sobre a moralidade da clonagem em humanos se refere à vulnerabilidade que se criará a partir do fato de todos indivíduos passarem a ser biologicamente iguais, já que uma das maiores riquezas da raça humana está exatamente na sua variedade genética, na sua diversidade. Uma filosofia da natureza deverá articular o que “é” cientificamente válido como “deve ser” das injunções morais. Entre os grandes problemas práticos da bioética, está a dificuldade em trabalhar a relação entre a certeza e a dúvida.

Apesar de alguns críticos radicais considerarem grande parte dos avanços da ciência como “perigosos”, é impossível imaginar a atual estrutura societária (ou biológica) como eterna

e imutável. É compromisso da ciência, pois, preparar o futuro, antecipando-se a ele por meio de descobertas que venham trazer benefícios à espécie humana. A mutabilidade da sociedade e do mundo é uma certeza; a dúvida reside em estabelecer o limite concreto até onde os avanços da ciência devam se verificar.

Mais uma vez, parece-me claro, o caminho está no equilíbrio, na busca de soluções moralmente aceitáveis e praticamente úteis. Para isso, é indispensável que as novidades sejam analisadas caso a caso, em cada contexto social, com responsabilidade e bom senso, respeitando-se certos valores societários e o pluralismo moral que, queiramos ou não, é marca registrada dos dias atuais. Nesse sentido, alguns valores nos quais a humanidade e a ciência vêm-se pautando nos últimos tempos, deverão ser transformados. Seria preferível que a responsabilidade ética fosse tatuada indelevelmente na equação que determina a liberdade científica; e que a tecnocracia e a mercantilização desenfreada, que submetem a sociedade às suas leis insensíveis, se transformassem exclusivamente em tecnologia saudável a serviço da humanidade. Em outras palavras, trata-se de estimular o desenvolvimento da ciência dentro das suas fronteiras humanas, e, ao mesmo tempo, de desestimulá-la quando passa a avançar na direção de limites desumanos e possivelmente iatrogênicos.

Trata-se, assim, não de fazer tudo aquilo que possa ser feito, mas, ao contrário, de fazer aquelas coisas que devam ser feitas. Hoje, diversos países detêm a tecnologia para construção da bomba atômica, mas nem por isso, depois da dolorosa lição de Hiroshima e Nagasaki, imagina-se a possibilidade dela ser acionada, além de que a descoberta da energia atômica e sua utilização pacífica trouxe inúmeros benefícios. Resumindo, defendo o discurso da liberdade para a criação no campo científico, com controle sobre suas aplicações práticas, sobre a tecnologia.

É importante que se entenda que a clonagem é uma técnica. Sendo técnica, seu uso tem indicações e contra-indicações. É necessário, assim, que se quebre o mito, o medo contra a palavra.

Dentro dessa linha de pensamento, portanto, não é moralmente condenável o fato de cientistas trabalharem com segurança sobre variedades vegetais, animais e mesmo em seres humanos (clonagem terapêutica) por meio de clonagem ou de outras

técnicas na busca de benefícios futuros para a humanidade. O grande nó da questão não está na utilização das técnicas de clonagem em si, mas no seu controle. E este controle deve se dar em um patamar diferenciado dos planos científico e tecnológico: o controle é ético!

Assim, resta-nos dirigir nosso “fazer”, mais uma vez, com prudência e tolerância, entre os apertados limites do necessário e do possível. A sofisticada intervenção tecnocientífica em um meio não só natural como cultural, atravessado por atos de vontade e escolha apaixonada, é tão “humana” quanto a ética, com a qual, nesse pé, pode estabelecer “diálogo”. Tudo isso permeado pelo Direito construído em bases pluralistas e democráticas.

#### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BERLINGUER, G. *Ética da saúde*. São Paulo: HUC ITEC, 1996.  
BERLINGUER, G. & GARRAFA, V. *O Mercado humano. Estudo bioético da compra e venda de partes do corpo*. 2. ed. Brasília: Ed. UnB, 2000. 252 p.  
ENGELHARDT Jr., H.T. *Fundamentos da bioética*. São Paulo: Loyola, 1998. 518 p.  
GARRAFA, V. & COSTA, S.I.F. (orgs.) *A Bioética no século XXI*. Brasília: Ed. UnB, 2000. 160 p.

#### ABSTRACT

The author analyzes critically the news of the ewe Dolly's birth published by *The New York Times*, when he stresses the coincidence represented by the fact that animal cloning was done to a ewe, “the symbol of human redemption in the Christian imaginary”.

He observes that, although referring to an expected and widely announced fact, mainly by those who work with science, this the cloning provoked contradictory reactions in society, “from the exaltation of science to its complete rejection”.

The author believes that the pledge of science is to prepare humanity for the future, anticipating it through discoveries that are benefic to the human species, taking into account the fact that our social and biological structure is not eternal, nor immutable either.

To conclude, the author affirms that the gist of this controversy is not the utilization of cloning techniques, but their ethical control, which must operate in a different level from the scientific and the technological plans.

KEYWORDS – Cloning; genetic engineering; bioethics; morality; biological identity; personal identity; biodiversity.

Volnei Garrafa é Presidente da Sociedade Brasileira de Bioética; Professor Titular e Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Bioética da Universidade de Brasília.